

O FENÔMENO DA ASCENSÃO DOS “SEM RELIGIÃO” E A RELIGIÃO PÓS-MODERNA

Hugo Brandão

● Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2019). Tem Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas (2010). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Membro da Associação Brasileira de Filosofia e Psicanálise e Membro da Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED. Líder do Núcleo de Estudos da Religião na Educação e Sociedade - NERES.

RESUMO

Analisaremos e demonstraremos a estreita ligação entre o surgimento do que denominaremos, neste trabalho, por pós-modernidade e expansão dos que se declaram “Sem religião”, ou sem instituição, os quais, a partir de uma crise de pertença institucional, caracterizam uma das importantes mudanças religiosas no mundo e no campo religioso brasileiro. Essa contemporânea realidade religiosa, vivenciada pelos indivíduos na pós-modernidade, aqui denominados de sujeitos pós-modernos, nos proporciona buscarmos uma hodierna perspectiva de como nos relacionamos com o transcendente, assinalando uma nova forma de se vivenciar a religiosidade a partir desta condição Pós-moderna. Iniciamos nossa investigação por uma análise minuciosa do Censo do IBGE de 2010 no Brasil, quando observamos uma notável expansão dos “Sem religião”. Em seguida, comparamos os dados verificados com as características que mais acentuadamente definem a cultura e condição pós-moderna, conforme apresentada por Bauman. Demonstramos, assim, que o fenômeno dos “Sem religião” é também reflexo e consequência do florescimento da pós-modernidade, apresentando suas próprias especificidades e maneira única de vivenciar as novas e múltiplas formas de experiências religiosas.

Palavras-chave: Sem religião; Religião; Pós-modernidade.

ABSTRACT

We will analyze and demonstrate the close connection between the emergence of what we will call, in this work, Postmodernity and the expansion of those who declare themselves “Without Religion”, or without an institution, which, based on a crisis of institutional belonging, characterize one of the important religious changes in the world and in the Brazilian religious field. This contemporary religious reality, experienced by individuals in post-modernity, here called post-modern subjects, allows us to seek a modern perspective on how we relate to the Transcendent, signaling a new way of experiencing religiosity from this post-modern condition. Modern. We began our investigation with a thorough analysis of the 2010 IBGE Census in Brazil, when we observed a notable expansion of “without religion”. Then, we compare the verified data with the characteristics that most sharply define postmodern culture and condition, as presented by Bauman. We demonstrate, therefore, that the phenomenon of “No Religion” is also a reflection and consequence of the flowering of Postmodernity, presenting its own specificities and unique way of experiencing new and multiple forms of religious experiences.

Keywords: Without religion; Religion; Post-modernity.

RESUMEN

Analizaremos y demostraremos la estrecha conexión entre el surgimiento de lo que llamaremos, en este trabajo, Postmodernidad y la expansión de quienes se declaran “Sin Religión”, o sin institución, que, a partir de una crisis de pertenencia institucional, caracterizan uno de los cambios religiosos más importantes en el mundo y en el campo religioso brasileño. Esta realidad religiosa contemporánea, vivida por los individuos en la Posmodernidad, aquí llamados sujetos posmodernos, nos permite buscar una perspectiva moderna sobre cómo nos relacionamos con lo Trascendente, señalando una nueva forma de experimentar la religiosidad desde esta condición Posmoderna. Comenzamos nuestra investigación con un análisis exhaustivo del Censo del IBGE de 2010 en Brasil, cuando observamos una notable expansión de la “No Religión”. Luego, comparamos los datos verificados con las características que definen más claramente la cultura y condición posmoderna, tal como las presenta Bauman. Demostramos, por tanto, que el fenómeno de la “No Religión” es también un reflejo y consecuencia del florecimiento de la Posmodernidad, presentando sus propias especificidades y una forma única de experimentar nuevas y múltiples formas de experiencias religiosas.

Palabras clave: Sin religión; Religión; Posmodernidad.

INTRODUÇÃO

Para discorrermos sobre a religião pós-moderna e sua relação com os “Sem religião” não iremos discutir a fundo o termo “Religião”, por conta do tempo e do espaço iremos ser o mais objetivo possível, supondo que os leitores deste artigo já são familiarizados com o termo em questão; embora tenhamos entendimento da importância de se discutir, mesmo que minimamente, este conceito para melhor compreendermos esse fenômeno importante, no atual cenário religioso mundial e brasileiro, de expansão dos indivíduos que se declaram “Sem religião” no Censo do IBGE de 2010. Aqui destacamos a fundamental importância da inclusão no Censo em relação aos que se declaram “Sem religião” e nossa lamentação de não termos novo Censo ou dados mais atuais que nos apresentem um panorama mais atual do quantitativo percentual dos que se declaram de tal forma. Vejamos,

Ao longo das últimas décadas, a cada novo censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cria-se alguma expectativa com respeito ao cenário religioso, pelos líderes religiosos, pelos estudiosos do fenômeno religioso e pelo público em geral. A grande mídia geralmente tem concentrado seus esforços em anunciar a progressiva diminuição dos católicos e o crescimento do chamado neopentecostalismo, termo que compreende um conjunto de denominações religiosas cristãs surgidas no princípio do século XX. O censo de 2010, contudo, ampliou significativamente as interpretações até então praticadas. Não apenas enfatizou o surgimento de novas religiosidades e manifestações do ‘crer’ e do ‘não crer’ no panorama brasileiro, mas o significativo percentual aferido para os chamados ‘sem religião’ (Martins Filho; Ecco, 2021, p. 307).

Sabemos bem que, conforme exortado por Bauman (2013, p. 205), estabelecer uma definição única para a religião é uma tarefa árdua e hercúlea, portanto, é extremamente delicado e ousado refletir sobre este termo, pois, ele é parte de um grupo de intrigantes e, por vezes, desafiadores, termos que compreendemos sublimemente até tentarmos conceituar e definir de forma mais distintiva. Dito isto, destacamos que o surgimento da cultura pós-moderna, de forma alguma represente que os incontáveis, aflitos e deslocados empreendimentos de conceituar a religião estão ou estarão prestes a simplificar-se em uma breve pausa, uma vez que, os indivíduos não cessam em tentar conceituar essa tão importante expressão da vida humana: a religião. Prosseguirão com as buliçosas e intensas diligências em virtude de conceituá-la (Bauman, 2013, p. 205).

Em nossas pesquisas observamos duas correntes de pensamento que permeiam a discussão em relação à religião na pós-modernidade, são elas: a primeira é dos pesquisadores que fazem defesa da presença e importância da religião nesta condição pós-moderna que estamos submetidos, tais como, Eugênio Trias, Jaques Derrida e Gianni Vattimo; e a segunda são os pesquisadores que descartam o discurso religioso desse contexto, como por exemplo, Lyotard e Baudrillard.

Estamos muito mais inclinados a nos dedicarmos ao estudo do fenômeno religioso e, neste caso, estamos de braços dados com o primeiro grupo de pesquisadores do fenômeno religioso que foi apresentado, a saber, aqueles que defendem e constroem a discussão da religião na pós-modernidade, assinalando toda sua importância para compreendermos a dimensão humana que nos constitui enquanto tais, bem como nos percebermos enquanto, também, sujeitos religiosos, entranhados em crenças, ritualísticas e tantas outras expressões do sagrado, com suas buscas e relacionamentos com o Transcendente que nos transpassa, ainda que seja como ideia, conceito ou mesmo como fenômeno sócio-histórico e cultural.

A religião é essencialmente humana, é inerente aos seres humanos. Apesar do surgimento da Modernidade e suas implicações, bem como hoje com o florescimento da pós-modernidade, ainda assim, a religião está profundamente enraizada na experiência vivenciada pelos sujeitos, uma vez que, independentemente do nível de secularização que a humanidade tenha atingido, os indivíduos que optam por uma vida secular, ainda assim, não conseguem suprimir definitivamente a dimensão religiosa do comportamento humano (Eliade, 2001, p. 27).

Embora tomemos como referência a teoria de Eliade (2001) para discutirmos a persistência do sagrado, mesmo em uma sociedade aparentemente secularizada, destacamos que ele, um dos pilares da história das religiões do século XX, ainda que tenha nos proporcionado uma visão profunda e rica sobre as experiências religiosas humanas e que sua abordagem, centrada no sagrado e em padrões universais, tenha moldado por décadas o modo como entendemos as diversas manifestações de fé ao redor do mundo; sua teoria apresenta limitações, especialmente quando confrontada com a complexidade e diversidade da realidade pós-moderna. Por exemplo, seu pensamento sobre o estudo da religião, marcado por sua ênfase na experiência do sagrado e pela busca de uma estrutura ontológica comum a todas as tradições religiosas, apresenta algumas limitações importantes quando aplicado ao contexto pós-moderno, uma vez que, ele acreditava que existia uma essência religiosa universal, manifestada de forma semelhante em diversas culturas e religiões ao longo do tempo, concebendo a experiência do sagrado como fundamental para a humanidade e que essa experiência estaria em oposição ao mundo profano, oferecendo uma visão transcendental da realidade. No entanto, essa concepção pode ser vista como limitada em um mundo pós-moderno, que tende a rejeitar narrativas universalistas e valorizar a diversidade de perspectivas e experiências.

Assim sendo, uma das principais críticas à análise de Eliade (2001) reside em sua tendência a universalizar certos padrões religiosos e/ou ao buscar elementos comuns em todas as tradições religiosas, pois, corre-se o risco de simplificar excessivamente a rica tapeçaria das crenças e práticas religiosas, isto é, sua busca por um centro sagrado universal, por exemplo, pode obscurecer a diversidade de formas como o sagrado se manifesta em diferentes culturas e contextos históricos. O que já nos convida a refletir acerca de uma segunda limitação de sua teoria e que é consequência dessa primeira, a saber, a ênfase excessiva no sagrado, todavia, que ao privilegiar a dimensão transcendente da religião, Eliade (2001) tende a subestimar outros aspectos igualmente importantes, como os sociais, políticos e psicológicos. Essa perspectiva pode dificultar a análise de fenômenos religiosos na pós-modernidade, os quais, muitas vezes se entrelaçam com questões de poder, identidade, dentre outros.

Destarte, a ideia de Eliade (2001) de uma essência religiosa compartilhada por todas as culturas se torna problemática no contexto pós-moderno, onde identidades religiosas e espirituais são muitas vezes fragmentadas e influenciadas por fatores locais e históricos; quando na pós-modernidade se enfatiza a pluralidade, a diferença e a complexidade das construções religiosas, colocando em questão a existência de uma única experiência universal do sagrado.

Salientamos que, em uma perspectiva pós-moderna, a visão homogênea da religião presente na obra de Eliade (2001) também é um ponto controverso, à medida que, ao apresentar a religião como uma força unificadora e conservadora, ele pode não dar conta da diversidade de experiências religiosas e das transformações que as religiões sofrem ao longo do tempo, sobretudo, porque a pós-modernidade, com sua valorização da diferença e do pluralismo, desafia essa visão monolítica da religião.

A dificuldade em lidar com o pluralismo religioso é outra limitação da abordagem de Eliade (2001), já que o mundo contemporâneo, em uma condição pós-moderna, é marcado pela coexistência de diversas religiões e crenças, tornando insustentável a ideia de uma experiência religiosa única e universal, pois, a pluralidade religiosa desafia a busca por um centro sagrado comum e exige novas ferramentas analíticas. Dito de outro modo, reconhecemos e registramos que a abordagem de Eliade (2001) pode ter dificuldades em analisar fenômenos religiosos pós-modernos, como novas religiões, esoterismos, espiritualidades alternativas, religiões cívicas, dentre outras novas expressões religiosas. Como veremos a seguir, trata-se de fenômenos que muitas vezes se manifestam de formas mais difusas e menos institucionalizadas, o que exige uma abordagem mais flexível e aberta.

Eliade (2001) focava principalmente nas religiões tradicionais e arcaicas, buscando nelas símbolos e rituais que expressassem a relação humana com o sagrado, tal atitude, entretanto, tem dificuldade em lidar com a pluralidade religiosa contemporânea, onde novas formas de espiritualidade, híbridas e fluidas, emergem em um mundo globalizado, já que na pós-modernidade as práticas religiosas muitas vezes não seguem as formas tradicionais de ritual e culto, por exemplo, sendo cada vez mais influenciadas por elementos externos, como a mídia, o consumismo e o individualismo, o que torna difícil encaixá-las no modelo essencialista e estruturado de Eliade.

Para superar essas limitações, é necessário combinar a abordagem de Eliade com outras perspectivas teóricas, sendo fundamental analisar as religiões em seu contexto histórico e social, considerando as transformações e as complexidades da pós-modernidade, valorizando a diversidade e a especificidade das religiões, refletindo acerca das experiências religiosas individuais e coletivas, bem como, analisando, tal como objetivamos neste texto, até mesmo o fenômeno “religioso” dos que se identificam enquanto “Sem religião”.

Esse novo e expansivo fenômeno no cenário religioso brasileiro, de um representativo segmento da sociedade brasileira que se autodenomina “Sem religião”, tem causado espanto em muitos e aguçado a curiosidade investigativa em tantos outros. Auto lá! Não estamos falando em ateus, isto é, aqueles que negam a existência de *Théos*, negam a existência de Deus. Referimo-nos aqui ao segmento da sociedade brasileira que não nega a existência de Deus/deuses/forças espirituais, contudo não professam nenhuma religião. Este segmento da sociedade vem se expandindo ano a ano, como nos mostram os dados do Censo do IBGE de 2010, que demonstra as três principais transformações que definem o campo religioso brasileiro: a redução do número de católicos, o aumento do número de evangélicos e a expansão dos “Sem religião”. Segundo Teixeira, um dos traços que vem se delineando desde Censo de 2010 é sua progressiva pluralização. Além de enfatizar o aumento do trânsito religioso, a provisoriamente da adesão e a dinâmica da privatização da prática religiosa (Teixeira; Menezes, 2013, p 23).

Um novo funcionamento está em curso no movimento da religião no mundo e no Brasil; o ateísmo, como por exemplo no campo religioso brasileiro, ficou meio que estagnado, no que se refere a Censos de anos anteriores, em contrapartida o Censo do IBGE de 2010 demonstra um avanço expressivo dos que se declaram “Sem religião”, fenômeno religioso sociocultural que figura entre “os principais temas que atualmente ocupam a reflexão de teólogos, cientistas da religião e demais pesquisadores de áreas afins, certamente está a questão dos ‘sem religião’” (Martins Filho; Ecco, 2021, p. 306). Isso se percebe no mundo, mas iremos focar no cenário religioso brasileiro, tendo como maior referência os dados do Censo do IBGE de 2010, uma vez que, “o crescimento do número de sem religião no Brasil é um fenômeno que incita o nosso olhar de pesquisadores e pesquisadoras das religiões em nossa época” (Senra; Carvalho; Vieira, 2020, p. 481), pois, o censo de 2010 amplificou expressivamente as possibilidades de aprofundarmos nossa compreensão do fenômeno religioso brasileiro e impactou no surgimento de novas interpretações das que até então eram praticadas, à medida que, “Não apenas enfatizou o surgimento de novas religiosidades e manifestações do ‘crer’ e do ‘não crer’ no panorama brasileiro, mas o significativo percentual aferido para os chamados ‘sem religião’” (Martins Filho; Ecco, 2021, p. 308).

Antes mesmo de iniciarmos nossa análise, é preciso pontuar bem que os “Sem religião” não são ateus, bem como, pontuar que muitos deles até se sentem pertencentes a alguma religião como a cristã, por exemplo, porém não se sentem representados por nenhuma instituição religiosa e, nesse sentido, declaram-se “Sem religião” (Teixeira; Menezes, 2013, p. 17).

OS “SEM RELIGIÃO”, UM FENÔMENO PÓS-MODERNO MUNDIAL E DE DESTAQUE NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO

A existência dos indivíduos que se declaram “Sem religião” é um acontecimento global que caracteriza o nosso tempo. Trata-se da terceira maior força no cenário religioso global, pois, os perfis religiosos no mundo se configuram da seguinte maneira: o cristianismo mantém sua hegemonia com cerca de 2,2 bilhões de fiéis, o que corresponde a 31,5% da população mundial; como segunda força no cenário religioso mundial aparece o islamismo, com aproximadamente 1,6 bilhões de seguidores, o que representa uma parcela de 23,2% da população global; e, a terceira maior força expressiva no campo religioso no mundo, com nada mais nada menos que aproximadamente 1,6 bilhões de adeptos, o que equivale a 16,3% da população geral, aparecem os não afiliados (tradução de Religiously Unaffiliated e entre esses estão incluídos indivíduos que não têm identificação com nenhuma das religiões apresentadas na pesquisa, além dos ateus e agnósticos), seguido pelo hinduísmo (15% da população mundial e cerca de 1 bilhão de fiéis), o budismo (7,1% da população mundial e cerca de 488 milhões de fiéis), religiões étnicas ou regionais (5,9% - 405 milhões), outras religiões (0,8% - 58 milhões) e judaísmo (0,2% - 14 milhões), tal como foi publicado em um importante relatório pelo Pew Research Center, em dezembro de 2012 (Teixeira; Menezes, 2013, p. 18-19).

Tanto no campo religioso francês, por exemplo, quanto no campo religioso brasileiro, ser “Sem religião”, não está necessariamente atrelado a ser ateu. Os dados levantados na França, em 1999, demonstram que 23% dos que se declararam “Sem religião” em território francês, criam em Deus, 26% creem em uma “espécie de espírito ou força vital”, 26% acreditam na vida após morte, 23% na reencarnação, 15% no pecado, 12% no paraíso, 7% no inferno. Ainda nos revelou que 46% dos franceses consideram as cerimônias religiosas importantes nos casos de morte, 39% nos casos casamento, 33% nos casos de nascimento. Em relação às crenças paralelas, tais como: amuletos, videntes, curandeiros, astrólogos, a pesquisa nos revelou que 49% os rejeitam, 33% hesitam e 18% acreditam (Villasenor, 2011, p. 43).

Já nos Estados Unidos, em uma pesquisa mais recente, em 2010, cerca de 16,4% da população norte-americana se enquadrava entre os não afiliados. Em 2012 esse número cresceu 3,2%, visto que os não filiados alcançaram a marca de 19,6% da população neste país, sendo que destes 19,6% da população 3,3 se declararam agnósticos e 2,4% se declararam ateus (Teixeira; Menezes, 2013, p. 19). Segundo Teixeira,

O importante crescimento dos não filiados em âmbito mundial, como apontado nas recentes pesquisas do Pew Research Center, sinaliza uma distinta presença desse religioso, envolvendo também agnósticos e ateus. São nada mais nada menos que 1,1 bilhão de adeptos, cerca de 16% da população mundial (uma em cada seis pessoas) (Teixeira; Menezes, 2013, p. 19).

O crescimento dos que se declaram “Sem religião” no Brasil ocorreu nos últimos dois Censos do IBGE, tanto no Censo de 2000, com 7,4% de declarantes da população brasileira, quanto no Censo de 2010, com 8% de declarantes da população brasileira, isto é, 15,3 milhões de pessoas que se declararam “Sem religião”, em um quadro que ateus ou agnósticos são apenas 615 mil e 124,4 mil declarantes, respectivamente (Teixeira; Menezes, 2013, p. 175). Para o bem da verdade a categoria dos “Sem religião” teve um perene progresso e expansão desde o Censo de 1970 (Teixeira; Menezes, 2013, p. 299).

Há um constatado e evidente fortalecimento de uma tendência em movimento no campo religioso mundial e brasileiro, bem característica da religião pós-moderna, onde os sujeitos, com seus dispositivos de sentido singulares, sejam gradativamente ainda mais caracterizados pelo sincretismo e pela bricolagem, apontando a afirmação de uma perspectiva cada vez mais pessoal da religião. As procuras identitárias e espirituais prosseguirão atuais, porém, não mais pujantes como era no passado, dentro de uma tradição inalterável e/ou parte de um dispositivo institucional normativo. O que vem a confirmar a reemergência do sagrado na experiência pessoal e na vida social, que se articula e caminha lado a lado com a secularização. Dentre as transformações evidenciam-se a o aprofundamento do individualismo e a crescente da desinstitucionalização (Teixeira; Menezes, 2013, p. 21).

Aqueles que se autodeclararam como sem identificação religiosa, isto é, identificando-se como “Sem religião”, podem ser entendidos por uma perspectiva de um global “espírito da época”, onde há uma expansão do fenômeno de engajamento concomitante a inúmeros sistemas de crenças, nos quais, misturam-se costumes orientais e ocidentais, não somente no que tange ao fenômeno religioso, mas também nos âmbitos medicinal e terapêutico, dentre outros (Novaes, 2004, p. 86).

Para ilustrar o que estamos a defender, vejamos o que as pesquisas Datafolha publicadas entre os anos 2020 e 2022 apontam. Em 2020 foi publicado, pelo portal G1 de notícias a seguinte matéria, “50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha” (G1, 2020), a qual o próprio título já nos apresenta os resultados quantitativos que queremos vislumbrar e demonstrar. Já as recentes pesquisas do Datafolha, do ciclo eleitoral de 2022, revelaram que, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, o número de jovens entre 16 e 24 anos, os quais se declaram “Sem religião”, ultrapassou o número evangélicos e de católicos. Em São Paulo, os jovens que se declaram “Sem religião” já representam 30% dos entrevistados, ultrapassando tanto os evangélicos (27%) quanto os católicos (24%) e outras religiões (19%). Por sua vez, no Rio de Janeiro o crescimento dos jovens brasileiros que se dizem “Sem religião” é ainda mais marcante: os “Sem religião” nessa faixa etária chegam a 34%, também acima de evangélicos (32%), católicos (17%) e demais religiões (17%), refletindo uma mudança significativa nas afiliações religiosas entre as gerações mais

jovens (Carranço, 2022, s/p). Este crescimento dos “Sem religião” acompanha transformações culturais e sociais, onde a religiosidade tradicional perde força, dando espaço a identidades mais fluidas ou a uma busca por espiritualidade fora das instituições formais (Bauman, 2013, p. 201), tendência que se observa no Brasil e globalmente. Um dos jovens entrevistados, da referida pesquisa, argumenta o seguinte:

Eu não tenho religião, sempre fui totalmente pura a isso. Eu acredito em tudo, primeiramente em Jesus, o único Deus todo poderoso. Também acredito em entidades, que me ajudaram muito e sempre que puderem vão me ajudar... Acredito em energias, no universo (Carranço, 2022, s/p).

Esse aumento dos jovens, por exemplo, os quais se identificam como “Sem religião” aponta para um questionamento das estruturas religiosas convencionais e uma busca por novas formas de espiritualidade ou até uma rejeição à religiosidade institucionalizada, uma vez que, no contexto da pós-modernidade, como sugere Bauman (2013), há uma crescente valorização do individualismo e da autonomia, o que pode explicar o distanciamento das tradições religiosas estabelecidas. Defendemos que a pós-modernidade, com secularização da sociedade, com acesso à informação e o diálogo inter-religioso, bem como, com a crítica a práticas conservadoras e dogmáticas, estar influenciando essa mudança de postura dos jovens brasileiros, como de toda nossa sociedade. Como vimos, trata-se de um cenário que desafia as instituições religiosas a se adaptarem, ao mesmo tempo em que abre espaço para debates sobre o papel da religião na vida contemporânea.

A crescente busca por experiências pessoais e autênticas, como aponta Bauman (2013), fragiliza as doutrinas e práticas estabelecidas, abrindo caminho para uma espiritualidade mais personalizada e menos vinculada a dogmas, conseqüentemente, a religião, ao invés de oferecer respostas absolutas, passa a ser vista como uma das muitas possibilidades de sentido para a vida, coexistindo com outras crenças e valores. Motivo pelo qual defendemos que o crescimento do número dos que se declaram “Sem religião”, especialmente entre os jovens, não apenas reflete uma mudança quantitativa nas estatísticas religiosas, mas, também sinaliza uma transformação na maneira como as novas gerações vivenciam a religião. Parte desse fenômeno, como teorizado por Bauman (2013), pode ser entendido como parte de uma transição cultural mais ampla, em que os indivíduos buscam formas alternativas de sentido, muitas vezes desvinculadas das instituições tradicionais.

A ascensão do grupo que se autodenomina “Sem religião”, especialmente entre os jovens, corrobora para a defesa de nossa tese de que a pós-modernidade, com a fragmentação das grandes narrativas e a valorização do individualismo e incertezas, mina as bases das instituições tradicionais, incluindo, sobretudo, as instituições religiosas.

Esse processo de afastamento de parte dos indivíduos, na pós-modernidade, tal como sugere Bauman (2013, p. 205), no entanto, não implica necessariamente em uma negação da religiosidade, e sim, em muitos casos, sugere uma ressignificação do religioso, mais alinhada com valores contemporâneos como a liberdade individual, a pluralidade e o respeito às diferenças.

Assim, torna-se urgente que as instituições religiosas e os estudiosos das religiões repensem suas abordagens, de modo a dialogar com essas novas demandas e interpretações religiosas que emergem no cenário pós-moderno, como por exemplo há a necessidade de adaptações interpretativas e metodológicas para investigar este fenômeno em expansão dos que se declaram “Sem religião”, pois, os dados apresentados evidenciam a necessidade de adaptações a um novo contexto social e cultural – pós-moderno – onde, tendo como exemplo, a perda de influência da religião tradicional exige que as instituições religiosas revisitem suas práticas e discursos, buscando uma linguagem mais contemporânea e relevantes para as novas gerações. A abertura ao diálogo inter-religioso e a valorização da experiência espiritual individual são desafios e oportunidades para as instituições religiosas que desejam manter sua relevância no mundo contemporâneo sob uma condição pós-moderna.

Os sujeitos na pós-modernidade passaram a decidir livremente que forma de religiosidade devem seguir ou adotar como suas, ou escolhem ficar sem religião. Portanto, a religiosidade e as Religiões institucionalizadas passam a sofrer

um forte conflito com a nova mentalidade pós-moderna. Neste cenário religioso pós-moderno, as instituições religiosas perderam espaço na sociedade; ganha espaço a religiosidade e suas múltiplas e diversas formas de experiências religiosas, “deixando de ser dominada pela tradição de um povo ou de uma comunidade para se tornar objeto de escolhas e gosto do indivíduo” (Antoniazzi, 2004, p. 260).

Pouco se sabe e pouco se pesquisou acerca dos brasileiros que adentram o século XXI se intitulando como “Sem religião”. Como já mencionamos, o fato de não se ter uma religião ou participar oficialmente de uma Religião no Brasil não caracteriza os indivíduos como ateus ou arreligiosos, e sim, indivíduos que negligenciaram as Religiões institucionalizadas, visto que, ao se manifestarem “Sem religião” os indivíduos notoriamente indicam um abandono das instituições religiosas ou crise de pertença religiosa. Pois, ser “Com religião” equivale a professar a crença ou pertencer a alguma instituição religiosa. Os sujeitos pós-modernos negam ou se distanciam das religiões institucionais, contudo, não necessariamente se afastam das práticas religiosas; descrevendo bem os que se declaram como “Sem religião”, que não negam que tenham fé, ou crenças, não necessariamente negam Deus, exemplificando. Eles não pertencem a nenhuma religião institucional, porém isso não significa dizer que eles deixaram de acreditar em Deus ou de ter algum tipo de religiosidade, como, por exemplo, orar/rezar ocasionalmente. Segundo Senra, Carvalho e Vieira:

[...] a crítica mais enfatizada parte da convicção de que para se ter fé e viver na presença de Deus não é necessário ter religião. Aliás, destacam os participantes da pesquisa que Deus é acessível a cada pessoa, independentemente de se ter ou não religião (Senra; Carvalho; Vieira, 2020, p. 491).

Isso porque, segundo Bauman (2013), mesmo que a modernidade tenha determinado que os indivíduos sejam medidas de si mesmo, senhores(a) de suas relações e do universo, mesmo o sujeito tendo substituído as explicações de mundo de cunho metafísicas – afastando-se do sagrado, que é controlado por instituições religiosas que davam sentido à vida e a realidade, bem como, coesão sociocultural e que deliberavam o centro de sentido para além do ser humano – ele se encontra em contínua manutenção de comportamentos religiosos, ainda que o termo religioso o pareça estranho e distante, mesmo que estes não identifiquem seus comportamentos corriqueiros como parte de uma estrutura religiosa. Todo processo de secularização e dessacralização que a humanidade passou, com o advento da modernidade e sua racionalidade, não foi suficiente para superar as contradições próprias da humanidade e as mazelas sociais. Assim, a humanidade continuou a necessitar de sustentação para aplacar suas mais superficiais e profundas necessidades. Essa parte da população, sujeitos pós-modernos, efetivamente buscam e necessitam de uma espécie de alquimista, que venha a transformar, ou ao menos assegure que possa, as incertezas, próprias dessa condição pós-moderna, em autoconfiança e em segurança (Bauman, 2013, p. 221).

Para Bauman (2013), a religião, por muito tempo a principal força organizadora da sociedade e provedora de sentido para a existência, vê sua influência diminuir; em razão de ganhar forças, desafiando os dogmas religiosos, a crença na autonomia individual e na capacidade de que cada pessoa possa construir sua própria realidade. Nesse sentido, a pós-modernidade, marcada pela pluralidade e pela busca constante por significado, impõe à religião um desafio: adaptar-se a um novo contexto ou perder sua relevância. Esta estrutura pós-moderna de sociedade, em um processo dialético, relaciona-se com a religião lhe resignificando e se adequando a uma nova demanda sociocultural, o que ilustra bem o fenômeno dos “Sem religião”.

Apesar de Bauman (2013, p. 222) ter defendido que “[...] A incerteza de estilo pós-moderno não gera a procura da religião” e que “[...] as pressões culturais pós-modernas, enquanto intensificam a busca de ‘experiências máximas’ ao mesmo tempo as desligaram dos interesses e preocupações propensos à religião [...] (Bauman, 2013, p. 223)”, o próprio admite que existe um renovado movimento religioso em curso e que esse tem se expandido a partir das necessidades dos indivíduos pós-modernos, isto é, há uma religião específica da modernidade que subsiste e se desenvolve na pós-modernidade revelando a insuficiência da humanidade, bem como, a ilusão humana de ter seu destino sob controle. Assim, para Bauman (2013, p. 226), existe “[...] uma forma especificamente moderna de religião, nascida das contradições internas da vida pós-modernidade.”

Tanto Bauman (2023, p. 228) compreende a relação da pós-modernidade com a religião que defendeu que o fundamentalismo religioso, tal como vemos hoje, é próprio da pós-modernidade, advindo das alegrias e tormentas, dos empreendimentos e inquietações pós-modernas. Não se trata de uma expansão irracional da Pré-modernidade, e sim, uma oferta de “racionalidade”, alternativa que visa suprir, integralmente, os problemas da sociedade pós-moderna. O fundamentalismo religioso publicita a ansiedade e premonição normais à condição da pós-modernidade, ele é uma solução totalitária para os que se deparam com a liberdade individual, que, na ótica de Bauman (2013, p. 228-229), é excessiva e insuportável.

Dito de outro modo, segundo Bauman (2013), esses sujeitos pós-modernos continuam a necessitar da religião, mesmo que não mais atrelados a uma instituição religiosa, muito mais movidos por uma experiência religiosa subjetiva, ou seja, a motivação se dá por uma necessidade subjetiva em detrimento de fazer parte de uma religião institucional. Eles continuam carecendo de uma sustentação – religiosidade – para aplacar suas carências mais subjetivas e acentuadas, seus desejos mais profundos e hedônicos. Segundo Teixeira, um dos mais renomados e reconhecidos entre os autores e pesquisadores brasileiros no campo das Ciências da religião, “Berger [...] reitera a singularidade desse componente religioso, que pode operar mesmo fora das atividades de instituições ou grupos religiosos formais, mediante valores difusos” (Teixeira; Menezes, 2013, p. 20).

Os indivíduos que se declararam “Sem religião”, aparentam ser indivíduos que negligenciam somente a religião institucional e não toda e quaisquer formas de experiências religiosas e/ou religiosidade. Trata-se, em boa parte, dos que se declaram “Sem religião”, de “não-praticantes” com uma forma peculiar de vivenciar a fé, isto é, chegam até a aceitar valores sagrados que estão presentes em diversas religiões institucionais, contudo, instituem um sincretismo subjetivo próprio, apartado das instituições religiosas.

Mesmo que desatrelados das religiões institucionais, em tempos pós-modernos estamos vivendo um intenso avivamento religioso, a religiosidade perpassa a cultura, pois, a religião é inerente à maneira humana de estar no mundo (Bauman, 2013, p. 230), logo, mesmo aqueles que declaradamente se identificam como “Sem religião” têm sua forma peculiar de vivenciarem a religião. Trata-se um modo de religiosidade que envolve uma abordagem renovada no relacionamento com o sagrado e na vivência subjetiva do transcendental, consolidando-se cada vez mais como uma das principais características da religião pós-moderna e dos sujeitos na pós-modernidade.

O CRESCIMENTO DOS “SEM RELIGIÃO” E A RELIGIÃO PÓS-MODERNA

Na pós-modernidade, os sujeitos continuam religiosos, mesmo que não sejam ligados, necessariamente, a uma instituição religiosa ou professem um único credo, mas, a religiosidade persiste no universo psíquico, social e cultural dos indivíduos na contemporaneidade, logicamente, trata-se de um modo diferente de vivenciar a religião, mesmo que as pessoas não tenham ciência disso. Portanto, a religiosidade continua presente e com força neste contexto da pós-modernidade, constata-se uma religiosidade muito mais subjetivizada, que tem como norte de orientação à busca por experiências religiosas de toda sorte e que são, gradativamente, ainda menos ligadas a instituições e doutrinas.

As estruturas socioculturais coercitivas estabelecidas pela religião institucional, as quais ordenavam e dotavam de sentido e fundamentavam à realidade, perdem sua plausibilidade; hoje, pois, com o advento da pós-modernidade, há uma recém e atual perspectiva organizadora da realidade, supervalorizando a autonomia dos sujeitos que reivindicam serem indivíduos independentes e centrados em suas próprias capacidades racionais. O que acaba impactando a sociedade e a religiosidade, ou seja, impacta o modo como as pessoas se conectam com o transcendente e com as religiões institucionais.

Isso está relacionado a um novo modelo de sociedade, a qual denominamos de pós-modernidade; trata-se de uma sociedade sob uma cultura e condição pós-moderna, uma vez que se relaciona, de maneira dialética, com o modelo que os sujeitos pós-modernos vivenciam a religião. Esses ressignificam a religião e religiosidade, moldando-a às suas necessidades mais emergenciais e pessoais, logo, uma nova exigência sociocultural. Uma religião mais pessoal e subjetiva, uma experiência religiosa subjetiva e desatrelada das instituições religiosas, daí o grande e crescente número dos que se declaram “Sem religião” no campo religioso brasileiro e mundial.

Apesar de considerarmos que a incerteza, característica acentuadamente pós-moderna, não promova necessariamente a busca pela religião e que as influências culturais da pós-modernidade estimulam a procura por experiências máximas, simultaneamente agem afastando os sujeitos pós-modernos das inclinações e predileções a questões religiosas, especialmente as que impliquem qualquer alteridade e imponha limites (Bauman, 2013, p. 222-223); precisamos admitir, então, que existe em curso atual e renovado movimento no campo religioso mundial e brasileiro, tal qual demonstramos anteriormente através dos dados apresentados. Movimento esse que tem se expandido mediante as necessidades mais subjetivas dos sujeitos indivíduos pós-modernos. Há uma religião própria da modernidade que se conserva e prospera, mesmo que neste cenário pós-moderno (Bauman, 2013, p. 226), que se evidencia naqueles que se declaram “Sem religião”. Essa é uma dentre as facetas para compreendermos este crescente movimento dos “Sem religião” no Brasil, pois são representações fidedignas da relação de parte desses sujeitos pós-modernos com o transcendental.

O que se percebe, com a expansão dos “Sem religião”, é que se trata de uma fé mais nômade e multifacetada, a qual simboliza uma maior liberdade, que não está necessariamente orientada para a transcendência, ou melhor, pela transcendência. Os sujeitos pós-modernos, em especial a parcela que se declara “Sem religião”, assumem a liberdade de produzirem uma espécie de religião privatizada, ou seja, livre de qualquer restrição institucional. Houve uma metamorfose do interesse pela experiência religiosa. A procura espiritual de inúmeros indivíduos se reduz a uma migração de si mesmo. O indivíduo pós-moderno rodeia, degusta e migra entre as inúmeras religiões institucionais e experiências religiosas a procura do transcendente, a procura de uma experiência pessoal com sagrado.

A experiência religiosa vai se redescobrimo e se ressignificando enquanto, simultaneamente, vai perdendo sua importância em vários setores na vida e na forma pela qual esses sujeitos pós-modernos se organizam. A religiosidade vai se metamorfoseando, encontrando nos “Sem religião” parceiros incontestes para seu aparecimento e florescimento: uma parcela significativa dos indivíduos pós-modernos não se sentem representados pelas instituições religiosas, se declaram “Sem religião”, mas vivem suas experiências pessoais com o Transcendente e são herdeiros notórios desta característica pós-moderna que é bem singular, a saber: a crença em Deus/deuses/forças místicas/energia, ainda que desvinculada de uma instituição religiosa. Esta experiência religiosa, tipicamente pós-moderna, define bem uma parcela significativa dos sujeitos pós-modernos, notadamente os que se declaram “Sem religião”. Eles são os representantes legítimos dessa característica na pós-modernidade de intensificação e busca por experiências (religiosas ou não) desagregadas de instituições detentoras de verdades absolutas e fixas; estão à procura de experiências que respondam as suas mais subjetivas necessidades e encontram em experiências religiosas (pessoais e subjetivas) respostas as suas demandas, perdendo a exigência de se atrelar a uma instituição religiosa. Os “Sem religião” são representações fiéis do que são os sujeitos pós-modernos.

Com a pós-modernidade, a religião, ao menos suas representações institucionais, tornou-se coadjuvante no debate sobre temas relevantes, tais como: ecologia, bioética, etc. (Martin, 1996, p. 33-34). Perdeu uma de suas principais características: definidora da totalidade social e individual. Porém, a humanidade prossegue vivendo dimensões religiosas, cada vez mais particulares e subjetivas, tendo como referência a própria lógica da modernidade: a autonomia racional, só que desta vez com um novo incremento que é a autonomia emocional, compondo seu próprio mundo, sua realidade, característica típica da busca por experiências subjetivas da pós-modernidade. Pois, na sociedade pós-moderna a religião não dá conta de assegurar uma totalização, reflexo disto é a laicização do Estado, a separação das esferas civil e religiosa, a laicização do Direito, do lazer, da música, das artes e, particularmente, da ciência (Pierucci, 1997, p. 77). Senra, Carvalho e Vieira, nos apresentam parte dos motivos que levam os sujeitos pós-modernos a desacreditarem a religião institucionalizada:

Quanto aos motivos para ser uma pessoa sem religião, os quarenta e cinco questionários preenchidos pelas próprias pessoas registram o número de até cem motivos que levaram os participantes a se afirmarem como sem-religião [...] já no âmbito institucional constam motivos que aludem ao descrédito de uma ou outra pessoa respondente nas lideranças

religiosas, no conjunto de fiéis, na estrutura administrativa e na prática cultural das tradições religiosas. Por fim, no âmbito religioso foram agrupados os motivos que remetem à descrença das pessoas pesquisadas nos elementos fundantes da religião, ou seja, na doutrina, nas crenças e/ou nos dogmas religiosos. Entre os quatro âmbitos, o institucional é o que mais estimula os participantes a ser e a permanecer sem-religião (Senra; Carvalho; Vieira, 2020, p. 490).

No contexto pós-moderno, reforçamos que a religião, pelo menos em suas formas institucionais, passou a desempenhar um papel secundário no debate em torno de questões relevantes, como por exemplo em questões que tangem a tecnologia, biodiversidade e bioética (Martin, 1996, p. 33-34). Pois ela foi perdendo, paulatinamente, ao longo do tempo, mais acentuadamente com o advento da pós-modernidade, uma de suas características fundamentais que é sua capacidade de definir a totalidade da esfera social e individual. No entanto, os indivíduos, sujeitos pós-modernos, continuam a vivenciar dimensões religiosas, cada vez mais personalizadas e subjetivadas, mantendo como base a mesma lógica da modernidade, a busca pela independência racional, todavia, agora essa independência é acompanhada por um novo componente: a independência emocional, permitindo que as pessoas construam seu próprio mundo e realidade, característica intrínseca à busca por experiências subjetivas próprias da pós-modernidade. Isso ocorre porque, na pós-modernidade, a religião não consegue mais abarcar a totalidade (Pierucci, 1997, p.77), evidenciando que a religião perdeu sua capacidade de ordenar a realidade, a sociedade, os indivíduos, de forma totalizante, pois, com a descrença nas metanarrativas e verdades solidificadas, a resposta de uma parcela da sociedade, aqui denominados de sujeitos pós-modernos, passaram a constituir suas próprias e subjetivas verdades e a viverem suas próprias experiências religiosas, com seus ritos e interditos próprios, “fenômenos como esse mostram-se, então, como oportunidades privilegiadas de aprofundarmos a reflexão, individual e coletiva, extrairmos chaves de leitura e interpretação e fomentarmos uma discussão que alcance o fulcro das relações concretas (Martins Filho; Ecco, 2021, p. 306).

A religião institucional, atualmente, com o advento da pós-modernidade, vem enfrentando uma crise de credibilidade e é nesse contexto que a religiosidade não institucionalizada, ou seja, essa experiência religiosa vivenciada e declarada pelo “Sem religião”, acarreta uma sensação de liberdade plena para os sujeitos pós-modernos. Possibilitando, assim, que esses sujeitos possam experimentar independência na composição que passa construir suas identidades, sejam elas sociais e/ou religiosas. Esse processo de subjetivação e construção de identidades passam a ser da esfera privada, ainda que essa tal liberdade tenha pouca ou quase nada de importância para o todo social e instituições sociais.

Dado que, no mundo Pós-moderno, as instituições religiosas perderam a competência de exercerem controle sobre o universo pessoal, social e cultural, os sujeitos pós-modernos passaram a experimentar o sagrado de maneira subjetiva e individualizada. Essa vivência se torna evidente em suas atitudes políticas, esportivas, culturais, e assim por diante, criando uma dinâmica que ocorre fora das estruturas religiosas tradicionais e institucionais, como por exemplo na política brasileira. Essa nova dinâmica religiosa pode ser observada, também, nas diversas organizações não governamentais (Ong’s), nas manifestações culturais, nos clubes esportivos, dentre outros.

As ciências humanas já reconhecem, embora existam contraposições a esse reconhecimento, a importância da religião e/ou da experiência religiosa como um elemento de mutação social, por sua capacidade de se reinventar, dar significado à realidade, unir pessoas dando sentimento de pertença e construir identidades. Nesse contexto, os sujeitos pós-modernos, impulsionados por suas carências e necessidades mais profundamente subjetivas, atribuem por si só significados às suas realidades e exploram o domínio religioso com suas próprias crenças, em busca de sentido para suas vidas e consolo em momentos difíceis; passando a se apresentarem e se identificarem como “Sem religião”, evidenciando suas convicções pessoais em detrimento das verdades absolutizadoras que eram, até então, ao longo da história, dadas e estabelecidas pelas religiões institucionais com seus preceitos dogmatizados e doutrinas ortodoxas. Trata-se de uma característica marcante, dos que se declaram “Sem religião”, que define bem os sujeitos pós-modernos, aos quais Eduardo Cruz definiu por “errantes do novo milênio” (Cruz, 2004, p. 22-23).

Esta conexão com o sagrado é caracterizada por um ressurgimento do sentimento religioso, ou seja, uma intensificação das experiências pessoais e emocionais. A religiosidade não é algo que uns têm e outros não, ela é própria do ser-humano, pois, mesmo que existam pessoas mais crédulas e outras mais céticas, não obstante, mesmo que as pessoas não confessem uma determinada crença específica, ainda que não se vinculem a uma instituição religiosa, elas mantêm uma dimensão religiosa para si, partes desses passam a se declarar, como “Sem religião” e continuam suas vivências religiosas, só que agora a partir de suas percepções individuais, isso pois, “pela própria natureza universal dos processos evolutivos e mentais que estão em jogo, todos nós temos o equipamento que, inevitavelmente, produz as religiões, ainda que alguns se distanciem propositalmente de qualquer igreja ou credo presente em nossas sociedades” (Cruz, 2004, p. 72). Os sujeitos continuam a cultivar ou se relacionar com o Transcendente, ainda que esse seja um processo inconsciente e mesmo que se declarando “Sem religião”. Como apontam Senra e Vieira:

Nesse sentido, afirmamos que a espiritualidade sem religião pode ser definida nesse contexto como uma espiritualidade individual e individualizada, ou seja, ela não aponta apenas para a exclusividade individual da experiência espiritual, mas inclui, ademais, a individualização. Em outras palavras, o que se observa é que os indivíduos sem religião, além de não participarem de alguma instituição religiosa, ressignificam as crenças que mantêm e rejeitam aquelas que não têm mais sentido segundo os seus modos de pensar e de viver (Vieira; Senra, 2020, p. 611).

Para Mircea Eliade (2001, p. 165-166) é quase impossível encontrarmos uma pessoa sem religião de forma pura, sem nenhuma crença. Ainda que seja nas sociedades modernas, caracterizadas como sendo secularizadas, encontrar na forma pura um indivíduo sem nenhuma religião e/ou religiosidade é algo muito difícil. Nesse sentido, podemos afirmar que a maior parte dos “Sem religião” têm algum comportamento religioso, independentemente de serem conscientes disso. Os sujeitos pós-modernos que se declaram “Sem religião” carregam consigo toda uma mitologia camuflada em ritualismos, eles não são livres de condutas e procedimentos religiosos, das mitologias desfiguradas e, conseqüentemente, dificilmente reconhecíveis (Vieira, 2018, p. 1422). É indubitável que os “Sem religião” são resultantes, também, de um desenvolvimento da secularização, contudo, permanecem mantendo práticas religiosas e se reencontram nas pequenas religiões, movimentos ou nos misticismos. Segundo Vieira,

nas últimas décadas, no Brasil, o número de pessoas descontentes com a prática habitual das instituições religiosas vem aumentando de modo significativo. No cenário religioso brasileiro, as igrejas cristãs são as que sentem de modo mais acentuado o impacto desse fenômeno. Junto a esse descontentamento, ocorrem as desfiliações. Cada vez mais pessoas abandonam instituições e experiências religiosas tradicionais e procuram, de uma forma ou de outra, regularizar sua religiosidade, ou espiritualidade (Vieira, 2020, p. 1420).

Essa experiência com o sagrado nem sempre é evidente, e o indivíduo pode não perceber sua natureza religiosa., “[...] existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferente dos outros: a paisagem natal ou sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude [...] são os ‘lugares sagrados’ do seu universo privado” (Eliade, 2001, p. 28). Na pós-modernidade, caracterizada pelo ressurgimento da experiência religiosa e pelo desenvolvimento da secularização, o sujeito religioso se encontra em uma posição de liberdade para explorar seu próprio conjunto de significados e representações. Isso se deve ao enfraquecimento da religião institucional, que não mais impõe um modelo predefinido a ser seguido. Muito mais fácil e, nesse caso, lógico, se declarar como “Sem religião”.

Com o florescimento da pós-modernidade, a religião passou a ter que se adaptar aos desejos individuais, em contraste com o passado, quando as instituições religiosas regulavam o mundo, como no período medieval. Neste

contexto atual, os sujeitos não mais se identificavam com as metanarrativas, ou seja, com verdades universais e dogmáticas. As instituições religiosas continuam a exercer influência, mas em uma escala consideravelmente menor, ocorrendo de forma coadjuvante, “[...] observa-se que, por mais forte que seja essa religiosidade despertada, ela não seria capaz, na pluralidade global existente no mundo contemporâneo, de desempenhar o mesmo papel que possuía na pré-modernidade” (Mariz, 2006, p. 126).

Destarte, precisamos estar atentos para o fato de que, mesmo na Pós-modernidade, encontramos religião em toda parte, a qual se apresenta para além das Igrejas e é essa “religião” e/ou religiosidade que parece caracterizar, de modo gradativamente mais representativo as pessoas religiosas, ainda que se pese os que se declaram e se declararam nos últimos Censos do IBGE como “Sem religião”.

Os “Sem religião”, neste contexto do campo religioso brasileiro e mesmo mundial, são prova incontestável que, na pós-modernidade, há uma retomada das manifestações religiosas, um reavivamento do fenômeno religioso, ainda que apartado das instituições religiosas, ou ao menos não mais dependente delas como em épocas passadas; e é justamente isso que faz desse atual fenômeno religioso algo que caracteriza a religião na pós-modernidade, uma religiosidade que persiste ao “fim” da metafísica, a modernização de mundo e ressignificação da realidade, e tem na expansão dos que se declararam como “Sem religião” uma de suas expressões mais marcantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendermos o fenômeno religioso que se processa na pós-modernidade é vital para compreendermos o crescimento dos que se declaram “Sem Religião” no campo religioso brasileiro e mesmo mundial. Pois, em virtude do surgimento da pós-modernidade e todas as mudanças constatadas, as quais sugerem o aprofundamento da Modernidade, passando a caracterizar o que denominamos por pós-modernidade, tais como: intensificação do processo de subjetividade, perda na credibilidade dos metanarrativas e verdades dogmatizadas, descrença nas instituições, dentre outras características menos e mais importantes para entendermos esse contexto atual que vivenciamos. São essas características que se relacionam diretamente com o crescimento dos declaradamente “Sem Religião” no Brasil, impactando frontalmente e intensamente no contexto religioso brasileiro.

Mas, no Brasil, não somente o contexto religioso, impacta também outros setores e instituições sociais, portanto, enquanto sugestão para direções de novas pesquisas acerca desta temática, apontamos que um caminho interessante seria investigar o impacto da religiosidade dos “Sem Religião” na educação, especialmente na formulação dos currículos de Ensino Religioso em escolas públicas e privadas, bem como a análise da crescente pluralidade religiosa, a qual, é acentuada pelo aumento dos que se declaram “Sem Religião”, o que traz desafios para a neutralidade religiosa nas instituições de ensino, que precisam conciliar o respeito aos diferentes envolvidos com a presença daqueles que não se vinculam a nenhuma Religião institucionalizada. Ou mesmo, seria muito pertinente investigar o papel que a religiosidade e/ou espiritualidade, desvinculada de instituições formais, desempenha na formação dos valores éticos e no comportamento social dos “Sem Religião”, o que poderia abrir espaço para reflexões sobre como essa parcela da população influencia na política e na construção e estruturação de políticas públicas.

Logo, uma outra linha de pesquisa importante seria a análise de como os “Sem Religião” influenciam ou participam do debate político, especialmente em temas éticos e sociais que envolvem a laicidade do Estado, como por exemplo o casamento igualitário e os direitos reprodutivos, podendo revelar como esses indivíduos, embora sem uma afiliação religiosa institucionalizada, moldam as discussões públicas e políticas sobre essas questões. Enfim, analisar e explorar como os “Sem Religião” estão mudando as identidades religiosas no Brasil e como isso impacta as demandas por políticas de inclusão social, sobretudo em termos de proteção da diversidade, ajudando a compreender como o Estado pode adaptar suas políticas para lidar com essas transformações religiosas e sociais na sociedade.

As implicações práticas dessas transformações sugerem uma necessidade de adaptação tanto das instituições religiosas quanto do Estado, para lidar com uma nova realidade marcada por uma religiosidade fluida e múltipla, isto é, a partir da ascensão dos “Sem Religião” como reflexo da religião Pós-moderna, passam a existir implicações práticas e sérias para as instituições religiosas tradicionais, políticas públicas e outros aspectos da vida social. Uma vez que, para as instituições religiosas tradicionais, essas mudanças representam um desafio à sua relevância e ao modo como

se relacionam com os indivíduos, uma vez que, a crise de pertencimento institucional e a diversificação das formas de espiritualidade indicam que as instituições religiosas precisam compensar suas práticas de engajamento e sua mensagem, adotando abordagens mais flexíveis e inclusivas que dialoguem com uma sociedade plural, oferecendo espaços que valorizem a espiritualidade individual e menos dogmática. A não-afiliação formal não implica ausência de crença ou espiritualidade, mas sinaliza que as pessoas buscam novas maneiras de se conectar com os fóruns transcendentais das estruturas tradicionais (Hervieu-Léger, 2015, p. 57).

Já em relação às políticas públicas, especialmente na educação e na saúde, essas transformações podem exigir adaptações. No campo educacional, por exemplo, como mencionamos, o aumento do “Sem Religião” levanta questões sobre o Ensino Religioso e a forma como ele deve ser abordado, tendo as escolas públicas, em particular, que enfrentarem o desafio de equilibrar o respeito pela pluralidade de convicção (incluindo a não crença) com a necessidade de proporcionar um espaço de reflexão sobre valores espirituais e éticos. Isso pode levar a uma revisão curricular para garantir que o ensino seja laico e tenhamos respeitado a diversidade religiosa e filosófica dos estudantes.

No que se refere às políticas de saúde pública, a ausência de uma afiliação religiosa formal entre uma parte crescente da população pode influenciar a forma como o Estado lida com questões de bem-estar espiritual e emocional. Muitas vezes, as instituições religiosas oferecem apoio emocional e comunitário que preenche lacunas deixadas pelo sistema de saúde, portanto, com o aumento dos “Sem Religião”, o Estado pode ser chamado a criar novas formas de suporte que não dependam da intermediação religiosa, como o fortalecimento de programas de saúde mental que consideram múltiplas formas de espiritualidade ou ausência dela.

Destacamos ainda que, concomitantemente, a expansão dos “Sem Religião” no Brasil e no mundo, de forma dialética, vem contribuindo expressivamente para que entendamos a nova dinâmica das estruturas Pós-modernas que vão se firmando na atualidade. Sendo os dados presentes no Censo do IBGE de 2010, assim como (em menor proporção) os dos Censos de anos anteriores, especialmente os sobre aqueles que se declaram “Sem Religião”, importantíssimos para compreendermos os sujeitos e, evidentemente, termos maior capacidade de compreensão acerca da pós-modernidade.

Com a ininterrupta crença em Deus/deuses/forças espirituais fica claro que não podemos desmerecer a pesquisa sobre a Religião na pós-modernidade. Tais pesquisas tornam notório, por exemplo, que a religiosidade é uma “ferramenta” e parceira para vivermos e compreendermos as mudanças advindas com o surgimento da pós-modernidade, visto que, por meio da religiosidade, sobretudo a popular e as expressões religiosas que ocorrem ainda que não haja conhecimento consciente de que se trata de vivência religiosa, conseguimos significar, mesmo que parcialmente, nossa condição pós-moderna. A religiosidade dota a vida dos sujeitos pós-modernos de significado, proporciona ambiente de socialização; ela faz contato com a essência humana, ligando o sujeito humano a dimensão do sagrado, desempenhando um papel fundamental na crise de pertencimento que vivenciamos; uma crise dos sujeitos pós-modernos, a qual é, também, seguramente, uma crise religiosa, pois, trata-se de um despertar consciente da ausência de significado (Eliade, 2001, p. 148).

A Religião e/ou religiosidade é a mais poderosa e relevante “ferramenta” que os indivíduos criaram para enfrentar e resistir a anomia, daí sua importância e persistência atualmente, mesmo com todo desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico; ela persiste, ainda que com novas características (Berger, 2009, p. 54). Dito isto, defendemos que os “Sem Religião” seguem entendendo a extrema importância da religiosidade enquanto forma de lutar contra a anomia, uma relevante parceira para significarem suas realidades, dotarem de sentido suas existências; têm na experiência religiosa um bálsamo – conforto, descanso – para o sofrimento e angústia humana, mesmo que essa religiosidade esteja desvinculada de uma instituição religiosa e, neste caso, achem mais conveniente se identificarem por sujeitos “Sem Religião”, assim se declarando, no caso brasileiro, no Censo do IBGE.

Não é novidade que o sofrimento vivenciado pelos indivíduos é apaziguado através da Religião e/ou religiosidade, dessa experiência religiosa que por si só garante a importância de sua existência para os seres humanos, seja em qual época for: “[...] a dor se torna mais tolerável, o terror menos acabrunhador, quando o dossel protetor do nomos se estende até cobrir aquelas experiências capazes de reduzir o indivíduo a uma animalidade uivante” (Berger, 2009, p. 67). Sendo a religiosidade parte inerente da dimensão humana de significações, refúgio existencial para diversas pessoas, as quais não precisamente a vivenciem de modo desprovido de intelectualidade, apartado da realidade, de forma alienada,

fanática e como explicação última e absoluta da realidade. Diferentemente, enxergam-na como modo de enfrentar a anomia e dar sentido as suas existências e realidade.

Assim, parte dos sujeitos pós-modernos, os quais se identificam como “Sem Religião”, desistirem das instituições religiosas, contudo, sem desistirem da religiosidade, ou seja, de vivenciarem experiências religiosas. Esses nunca foram tão religiosos (Berger, 2009, p. 73) quanto antes, no entanto, experienciam suas religiosidades de modo bem peculiar, se tomarmos como referência os tempos passados. Justamente isso que os caracteriza, também, como sujeitos pós-modernos, por essa procura intensamente subjetiva por experiências religiosas desatreladas de vínculo institucional, o que caracteriza bem esse fenômeno religioso no Brasil e mundo de crescimento dos se declaram como “Sem Religião”.

A religiosidade tem sido característica fundamental que define bem os sujeitos pós-modernos. A busca pelo sagrado e por experiências religiosas, que contemple as necessidades mais subjetivas, é uma das principais marcas dos sujeitos pós-modernos. Há um grande *boom* da religiosidade no mundo atual, afirmando e atestando a persistência da religiosidade para a sociedade brasileira, visto que o número dos que negam a existência de Deus (ateus) ou mesmo dos agnósticos ficou estagnado, de certa forma, na comparação do Censo de 2000 com o de 2010, o que foi o oposto quando analisamos os dados do Censo de 2010, onde houve um expressivo crescimento dos que se declararam “Sem Religião”. Este grupo demonstra o ininterrupto e perene interesse dos sujeitos pós-modernos acerca da Religião, embora não mais se reconheçam em nenhuma instituição religiosa e, ao que parece, querem dessa é distância.

REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, Alberto. **Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?** São Paulo: Paulus, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado.** São Paulo: Paulus, 2009.
- CARRANÇA, Thais. Jovens ‘sem religião’ superam católicos e evangélicos em SP e Rio. **Época Negócios**, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2022/05/jovens-sem-religiao-superam-catolicos-e-evangelicos-em-sp-e-rio.html>> Acesso em: 14 set. 2024.
- CRUZ, Eduardo. **A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza.** São Paulo: Unesp, 2004.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento.** Petrópolis: Vozes, 2015.
- MARIZ, Cecília. **Mundo moderno, ciência e secularização.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- MARTINS FILHO, José; ECCO, Clóvis. “Sem religião” ou pluralismo religioso? Uma leitura introdutória. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, MG, v. 19, n. 58, p. 305-324, jan./abr. 2021.
- MARTIN, David. *Remise en question de la théorie de la sécularisation.* Paris: La Découverte, 1996.
- NOVAES, Regina (2004). Os jovens “Sem Religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. **Estudos Avançados**. Vol. 18, n. 52 São Paulo, 2004.
- PIERUCCI, Antônio. Reencantamento e dessecularização. A propósito do autoengano em sociologia da religião. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, SP, v. 1, n. 49, pp. 99-117, 1997.
- SENRA, Flávio; CARVALHO, Isabella; VIEIRA, José. Os sem-religião. Espacialização e vozes de uma transformação. **Revista Caderno de Geografia**, Florianópolis, v.30, n.61, 2020.
- VIEIRA, José. *Os sem-religião: aurora de uma espiritualidade não religiosa.* Belo Horizonte: PUC Minas, 2018.
- VIEIRA, José. Ensaio de espiritualidade não religiosa: um estudo a partir de indivíduos sem religião em Belo Horizonte. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, MG, v. 18, n. 57, pp. 1420, dez. 2020.
- VIEIRA, José; SENRA, Flávio. Espiritualidade sem-religião: o cultivo da qualidade humana. **Revista Síntese**, Belo Horizonte, MG, v. 47, n. 149, pp. 605-633, Set./Dez., 2020.
- VILLASENOR, Rafael. Crise institucional: os sem religião de religiosidade própria. **Revista Nures**, n. 17, Jan-Abr, 2011. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/revistanures>> Acesso em: 19 de jun. 2024.
- 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. *GI*, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghml>>. Acesso em: 14 set. 2024.